

## **Carnaval de Escada, Pernambuco, Brasil: entre memórias e brincantes**

## **Carnival in Escada, Pernambuco, Brazil: Between memories and revelers**

### ***Tarcísio Augusto Alves da Silva***

Universidade Federal Rural de Pernambuco; Doutor em Sociologia/UFPE.

E-mail

[tarcisio.asilva@ufrpe.br](mailto:tarcisio.asilva@ufrpe.br)

### ***Kaline Maria da Silva***

Escola Técnica Estadual Luiz Dias Lins - Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM/UFRPE/CNPq).

Estudante do 3º ano do Ensino Médio do curso Técnico Integrado de Rede de Computadores.

### ***Rayanne Carolyne Lira Conserva***

Estudante de Pedagogia da Universidade Católica de Pernambuco.

### **Resumo**

O presente artigo traz dados de uma pesquisa sobre registros em jornais e memórias de brincantes a respeito do Carnaval da cidade de Escada, Pernambuco (BR). O objetivo é apresentar uma sistematização desses registros e memórias de modo a compreender os processos de mudanças pelas quais o Carnaval do município vem passando. Procuramos, também, apresentar os principais blocos carnavalescos da cidade e fatos marcantes de sua história. A investigação se fundamentou em dados primários (entrevistas) e secundários (fotos, documentos de fundação, jornais, atas e sites de notícias) relativos ao Carnaval do município. Os resultados mostram as transformações vividas, o desaparecimento e o surgimento de novas agremiações e acontecimentos que marcaram o Carnaval da cidade.

**Palavras-chave:** Carnaval. Memória. Brincantes.

### **Abstract**

This article presents data from a research with records from newspapers and memories of revelers about the Carnival in the city of Escada, Pernambuco (BR). The aim of the study is to systematically introduce these records and memories to understand the changes that the carnival in that city has been through. We also aim to introduce the main carnivalesque groups in the city as well as the most remarkable events in their history. The investigation relied on both primary (interviews) and secondary data (pictures, the group's founding documents,

newspapers, minutes and news websites) of the Carnival in Escada. The results show the transformations, the disappearance and the revival of associations and events that constituted the Carnival in the city.

**Keywords:** Carnival. Memories. Revelers.

## Introdução

O Carnaval é uma festa popular que reúne milhares de pessoas, movimentando milhões em recursos financeiros e, no caso brasileiro, aparentemente, põe em suspensão muitos dos problemas que a nossa sociedade produz. Evidentemente, os três dias oficiais de festejos são, também, uma oportunidade para a irreverência e as críticas sociais dos problemas que se desejam esquecer.

Por sua vez, o estado de Pernambuco possui um dos maiores e mais democráticos carnavais, ostentando a presença do Galo da Madrugada como o maior bloco de Carnaval do mundo, no Guinness Book, em 1994. Além disso, possui um Carnaval multicultural em que podemos encontrar diversas manifestações, como: caboclinhos, maracatus (nação e rural), cirandas, samba, mangue beat e frevo. Este último foi incluído em 2012 como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

O fato, porém, é que algumas cidades do estado tendem a se destacar pela tradição com as quais as manifestações da cultura carnavalesca se apresentam, a exemplo de Recife, Olinda, Bezerros, Vitória de Santo Antão, Trunfo, Nazaré da Mata e Pesqueira. Nestas localidades, pela tradição, visibilidade das manifestações e incentivos econômicos recebidos com a festa, há um vasto material disponível de pesquisas permitindo com que suas memórias sejam resgatadas e preservadas, possibilitando entender as mudanças e permanências da cultura.

Decorre dessa compreensão a necessidade de resgate da memória social do Carnaval, principalmente, em locais onde não exista a preocupação e uma cultura de preservação de patrimônios culturais, fazendo com que a atividade da cultura ocorra como um fluxo, com cuidados de sistematização e organização do passado, portanto, da própria história. Jedlowski (2003, p. 217) lembra que a Sociologia se interessa pela memória, pois existe uma importância no “reconhecimento temporal dos fenômenos

sociais”. Desse modo, as continuidades e descontinuidades da vida em sociedade podem ser reveladas por mecanismos de lembrança e esquecimentos, que auxiliam no processo de análise social.

Observando o contexto de cidades da zona da Mata Sul de Pernambuco, em que o passado de monocultura e escravidão marcaram consideravelmente suas histórias é bastante evidente como, ainda hoje, todo o processo de submissão à aristocracia canavieira e as marcas da pobreza continuam a afetar essas localidades. A monocultura da cana, que ocupou sempre um lugar privilegiado na paisagem da região, teve uma relação fundada no desprezo à identidade da cultura popular. Entretanto, isso difere do que ocorre na Mata Norte, onde o mesmo sistema de submissão e pobreza não conseguiu impedir que expressões culturais autênticas, como o maracatu rural e o cavalo-marinho, se desenvolvessem.

No caso de municípios sem muita tradição, investimentos, estrutura e fluxo turístico, a memória e a preservação de imagens e documentos dos carnavais pode não receber os mesmos cuidados e atenção. Neste sentido, o presente trabalho parte da seguinte inquietação: **que memórias dos carnavais do município da Escada podem ser resgatadas de fontes documentais e do relato de brincantes?**

Assim, nosso objetivo é apresentar uma sistematização de registros documentais e da memória de brincantes de modo a compreender os processos de mudanças pelos quais o Carnaval do município vem passando. Procuramos, também, identificar os principais blocos carnavalescos da cidade e fatos marcantes de sua história.

Para a realização do trabalho foram coletados dados primários, por meio de 3 entrevistas semiestruturadas com brincantes de blocos carnavalescos, e secundários, acessando, via internet, jornais da coleção das Hemerotecas Digitais da Biblioteca Nacional e da Companhia Editora de Pernambuco relativos ao Carnaval de Escada, Pernambuco. A pesquisa documental em jornais utilizou os seguintes descritores: Carnaval de Escada, Município de Escada, escadense, entrudo. No processo de investigação foram acessados periódicos do século XIX ao XX. A seleção do material coletado ocorreu por meio de leitura do título, resumo da notícia e análise crítica. O conjunto de dados sobre o Carnaval de Escada(PE) aparece nos seguintes jornais: *Jornal do Recife*, *A Província*, *Diário da Manhã*, *Jornal Pequeno (PE)* e *Diário de Pernambuco*, um recorte temporal entre 1900 e 1985.

## 1 Memória social e Sociologia

O grande desafio dos métodos e das técnicas de pesquisa em Ciências Sociais é conjugar uma diversidade de elementos que permitam a coleta de dados e interpretação dos fenômenos sociais. Se para a Sociologia a dimensão coletiva da vida em sociedade demanda investigação, o olhar do cientista social deve focalizá-la, seja do ponto de vista micro ou macrosociológico.

Jedlowski (2003, p. 220) lembra que “as atividades de interpretação e de reintegração do passado por parte de cada indivíduo têm, com efeito, uma relação estreita com suas pertencas sociais”. Por isso, para a Sociologia, a dimensão essencial da pesquisa em memória se coloca como uma ponte entre o individual e o coletivo, permitindo traçar entendimentos de como a vida em sociedade, com suas leis, normas e regularidades, se expressa no cotidiano em feixes que unem essa dimensão da realidade social.

Jedlowski (2003, p. 221), lembra ainda:

A memória coletiva pode assumir uma forma mais ou menos institucionalizada, objetivando-se em práticas específicas, em lugares de culto ou em artefatos significativos, mas sua origem e sua reprodução situam-se, em todo caso, no nível das práticas comunicativas que compõem a vida social.

Nesse sentido, as memórias do Carnaval se colocam como um objeto relevante de estudo para a Sociologia e as Ciências Sociais, tendo em vista as múltiplas possibilidades que este fenômeno social/cultural tende a nos fornecer para compreender a dinâmica da vida em sociedade. Para Le Goff (1990), a memória seria parte fundamental daquilo que se costuma chamar de identidade, seja ela individual ou coletiva, e a sua busca compreende uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Daí, do ponto de vista político, preservar, conservar ou eliminar a memória se torna um aspecto determinante, seja para projetos de dominação, seja para emancipação social.

DaMatta (1997) considera o Carnaval como uma conjunção ideal da visão anticotidiana da vida brasileira, pois nele “tudo” seria permitido ao romper a regularidade da vida cotidiana, mas, ao mesmo tempo, o Carnaval torna visíveis as diferenciações internas à nossa sociedade, ressaltando-as.

Por outro lado, o Carnaval é uma prática ritualística, que produz uma identidade nacional na consciência dos brasileiros. Nele, se enfatizam que “as diferenças” são passíveis de se misturar. Esta representação é posta como a imagem “positiva” de integração de nossa sociedade, o que significa que essa expressão cultural é peça-chave para a compreensão de nossa cultura e de como a realidade social se expressa por meio dela.

## **2 Do entrudo ao Carnaval: adaptações e mudanças na história de uma festa popular**

Sendo o Carnaval um dos grandes espetáculos da cultura brasileira, sua vivência se distingue e a particulariza das muitas experiências espalhadas pelo mundo. Por aqui, nossos ranços, dominação e o desejo de liberdade se expressam nas ruas, clubes, ou nas casas, revelando tradições e realizando a catarse necessária para se viver os 365 dias do ano. Não é por acaso que no Brasil a máxima: “o ano só começa depois do Carnaval” possua certa verdade e forneça a dimensão de como os(as) brasileiros(as) vivenciam o reinado de Momo.

Dada a importância desse evento, Gastaldo (2013, p. 191) afirma: “Talvez o Carnaval seja o fato social total regular que mais expresse elementos de uma simbólica “brasilidade” [...]. Já para DaMatta (1997, p. 110), “O carnaval como cotidiano, tem dois planos fundamentais: a rua e a casa. Em um e no outro encontramos sua própria reprodução, como se o sistema evitasse o fechamento em dois tipos de Carnaval radicalmente inversos”.

No Brasil, a história do Carnaval teve início a partir do entrudo, celebração vinda de Portugal, que precedia a quaresma e possuía alguns traços de festividades e tradições pagãs de origem romana. Praticado desde o Brasil Colônia, o entrudo ganhou destaque em nosso país por meio de brincadeiras que aconteciam como os trotes, envolvendo o uso de água. Estes costumes se tornaram um verdadeiro sucesso, não só entre brasileiros, como também entre os visitantes estrangeiros, que consideravam essa e algumas outras tradições de nosso país exóticas, o que os levava a realizar o registro delas em livros, pinturas e fotos. O Carnaval que temos hoje

resulta das adaptações e transformações dessa festa, uma vez que ele foi proibido a partir da segunda metade do século XIX.

Tradicionalmente, o entrudo era realizado pela aristocracia da época, que em festas habitualmente realizadas em suas casas, e com seus próprios convidados, brincavam de forma elegante. Uma das práticas nesses ambientes era o uso de pequenas bolas de cera recheadas com águas aromáticas e lançadas nas pessoas durante as comemorações do entrudo, conhecidas como os limões de cheiro (ARAÚJO, 2011).

A prática não foi deixada para trás, transformando-se no “lança-perfume” do século XX e, em seguida, no “loló” que nos acompanha até os dias de hoje. Armazenado em garrafas pressurizadas, o famoso “lança”, que se popularizou no Carnaval do Rio de Janeiro, era literalmente lançado nos foliões. Seu uso trazia sensações agradáveis, era perfeito para os momentos de paquera quando lançado em direção à pessoa desejada e, ainda, possuía o aroma perfumado que era marca registrada na folia. Tanto na rua quanto nos bailes, todos esses fatores contribuíram para que ele se transformasse em uma febre dos carnavais brasileiros.

Como item quase indispensável da festa, as vendas do produto tomaram proporções gigantes, fazendo com que a marca francesa Rhodia, fundasse uma de suas fábricas no Brasil, pois o “Rodouro”, “lança-perfume” fabricado por ela, era um sucesso no país. O que ninguém esperava é que em 1961, o presidente Jânio Quadros proibiria (Decreto nº 51.211, de agosto de 1961) a produção e a entrega do “lança-perfume”, alegando zelar pela saúde e bem-estar da população, já que agora, estava escancarada a ideia de que um de seus componentes, o cloreto de etila, era perigoso.

Infelizmente, a manipulação ilegal do produto e sua fabricação clandestina, tornaram-se algo cada vez mais comum e, conseqüentemente, mais arriscado. As pessoas passaram a utilizá-lo fora do período carnavalesco e, agora, além de ele ser lançado ao ar, era utilizado para inalação propriamente dita, transformando-se no que temos hoje: uma droga viciante e altamente perigosa.

Em reportagem do Diário de Pernambuco de 1975 (p. 12), o talco, outro elemento do Carnaval, como o “lança-perfume”, foi proibido pela ditadura militar, no Recife, conforme se verifica no trecho a seguir:

O uso de talco, água, lança-perfume e qualquer produto corrosivo também não será permitido e quem for apanhado portando material proibido será

autuado em flagrante e sem direito a fiança. Forte esquema policial ficará encarregado de fiscalizar os foliões e coibir os abusos.

Esses fatos ilustram como o Carnaval atual não representa, necessariamente, o entrudo do passado, no entanto, revela como aspectos deste festejo foram sendo adaptados aos novos tempos e se tornaram problemáticos nos contextos em que foram ajustados e integrados.

Outro elemento presente no entrudo do passado e nos festejos do presente se refere à capacidade de amenizar as questões sociais do país. Na colônia, os escravos não eram necessariamente proibidos de participar da festa. Todavia, os trotes envolviam adaptações e as comemorações (feitas na rua) eram bem mais regradas. Usando o exemplo anterior dos limões de cheiro, a adaptação escravocrata dos pequenos sacos aromatizados era feita a partir de substâncias menos nobres, tais como fezes, urina, lama e sêmen para preenchimento daquelas pequenas esferas. Era a forma encontrada pelos menos favorecidos para vivenciar aquilo que estava distante de sua realidade, já que não possuíam condições de praticá-la de outra maneira.

Aliás, a realidade da população escrava estava muito próxima dos dejetos produzidos pela elite. Freyre (2001) destaca que certos ritos de sociabilidade como as iaiás “defecando juntas, conversando, mexericando, às vezes, fumando” e os senhores de engenho fumando e cuspiendo negras cusparadas de fumo (p. 74) só eram possíveis graças ao sistema escravocrata que possuía negros escravos, especialistas na limpeza de vasos e escarradeiras. Tais dejetos eram jogados em matas, em praias ou rios.

Esse fato pode ter inspirado, ora pela irreverência, ora pelas condições dos grupos mais pobres, a tradição do mela-mela dos carnavais de ruas. Segundo Costa (2013, p. 72): “Na festa de rua, o mela-mela se expandia pelos logradouros e praças públicas usando-se água, farinha, goma, perfumes e até outros materiais não recomendáveis, como lama e urina, para o descontentamento de muitos”. Essas manifestações foram as que, possivelmente, contribuíram para que a elite da época pressionasse pela proibição do entrudo.

Outro elemento que nos permite visualizar as questões hierárquicas presentes no entrudo se encontra nas restrições aos negros e camponeses pobres de não poderem praticar os trotes com pessoas que não fossem igualmente negras e pobres. No entanto, eles eram alvo de piadas e vítimas dos trotes e das brincadeiras dos mais

poderosos. Além do mais, enquanto o estruído da elite era totalmente voltado para suas casas, às pessoas igualmente ricas, o estruído dos mais pobres era totalmente vivido na rua e aberto aos mais diversos tipos de público.

Isso, por sua vez, nos remete facilmente à distinção entre os carnavais de baile e os carnavais de rua da atualidade. Enquanto o Carnaval de rua, com seus blocos e troças, propõe um momento de festejo para todos os tipos de foliões, o Carnaval em bailes, mais reservado, acontece seja por convites para um grupo seletivo, ou venda de ingressos funcionando, portanto, de modo seletivo (QUEIROZ, 1995).

Uma característica do Carnaval dos bailes se expressa pela organização, que nos leva facilmente a associá-lo com um Carnaval “da casa”. A decoração do espaço e a separação de mesas, palco, salão e camarote vão nos fazer enxergar os bailes, como festejos delimitados e mais fechados para desfrutar da celebração. Isso não significa que parte dessa organização não ocorra, também, no Carnaval de rua. No entanto, este último se definirá mais pela “liberdade” e pela autonomia que os brincantes experimentam. Ocorre que para o Carnaval, as ruas são muitas vezes ajustadas para receber os festejos. Ou seja, há uma reorganização dos trajetos, do trânsito, dos horários e até mesmo das regras.

Neste sentido, a rua “[...] Transforma-se, sob um chamado ‘esquema carnavalesco’, um centro de decisões impessoais (onde negócios são realizados) em um centro de todo tipo de encontros e dramatizações típicas do Carnaval”. (DAMATTA, 1997 p. 111).

Assim como no estruído, é importante sabermos que o fato das comemorações “amenizarem” as situações desumanas da época, tais situações seguiam fazendo parte da vida dos mais pobres e não deixaram de existir. De igual modo, apesar do Carnaval ainda servir como um refúgio dos problemas políticos e sociais que encaramos no Brasil, a forma como ele é vendido pela mídia para o exterior deve ser analisado com ressalvas. O povo feliz mostrado na TV e que desperta a curiosidade de visitantes por todas as partes do mundo, possui uma realidade por vezes difícil e precária, que não é mostrada durante esse período (LEÃO; FRANCO; SILVA, 2014). Ressalta-se, também, que o Carnaval brasileiro é bastante ambivalente, uma vez que a irreverência assume o caráter político-crítico dessa manifestação cultural.



Neste aspecto, exortamos que nem mesmo o Carnaval de rua, que traz uma proposta de inclusão, consegue englobar e alcançar todas as pessoas. Sim, a existência de um Carnaval que está disponível para todos é um fato, mas não se pode esquecer que a fantasia do Carnaval não consegue mascarar a totalidade das desigualdades produzidas por nossa sociedade.

Ao resgatarmos a história do Carnaval brasileiro, podemos afirmar que não apenas de Portugal vem a influência que lhe dá forma, da Itália recebemos as mascaradas que, segundo Borba (2004, p. 891) significam divertimento “constituído de cenas ou números alegóricos, mitológicos ou satíricos, com música, dança e representado por personagens mascarados”. Gilberto Freyre (1961, p. 110) revela que o gosto pelas máscaras aparece em Pernambuco, no século XIX e afirma:

Uma das novidades de meados do século XIX no Brasil foi “o baile mascarado pelo tempo do Carnaval” em teatro público e não apenas em casa particular ou em casa semiparticular, semipública, como em Pernambuco a “casa grande do sítio do Sr. Brito no Cajueiro”, onde houve em 1846 um “Carnaval campestre” noticiado pelo Diário de Pernambuco de 19 de fevereiro. “Carnaval campestre” só para sócios, convidados e suas famílias. Em ambiente, portanto, ainda patriarcal e meio rústico de casa grande.

Freyre (1961, p. 111) ainda lembra que o Carnaval de bailes não substituiu o Carnaval popular de rua, pois:

É certo que esse Carnaval elegante, fino, silencioso, de fantasias de seda, não matou o outro: o grosseiro, plebeu, ruidoso, com oportunidades para os moços expandirem sua mocidade, para os negros exprimirem sua africanidade (de certo modo recalcada nos dias comuns), para pretos, escravos, moças, meninos gritarem, dançarem e pularem como se não fossem de raça, de classe, de sexo e de idade oprimidas pelos senhores dos sobrados.

Nesse sentido, embora o Carnaval seja uma festa popular, ele possui suas particularidades e diversidades de vivências que podem ser expressas nas experiências dos blocos, troças mistas, bailes carnavalescos e na própria música de Carnaval. Neste caso, duas formas de elitização da festa acontecem: uma quando ocorrem os bailes e outra quando em blocos de rua se formam cordões de isolamento e se distinguem entre os pagantes e não pagantes (“pipocas”), em uma reprodução daquilo que se tornou o Carnaval *business* de Salvador (BA). Isso fica claro, sobretudo, no processo de mercadorização dos festejos, na dimensão empresarial e profissionalização das comemorações, que busca imputar com a padronização dos trios elétricos, das vendas de

abadás e das festas fechadas, uma atualização de processos de diferenciação anteriormente verificados na vivência do entrudo na colônia.

Tal fenômeno pode ser identificado em modelos de empresariamento do Carnaval e na estandardização em tendências impostas do mercado, seja para o público mais jovem ou para aqueles que buscam uma certa individualização, ou, ainda, possuam um poder aquisitivo que lhes permita pagar por adereços, bebidas e coisas do tipo.

O fato, porém, é que as dinâmicas pelas quais o Carnaval se expressa é, como afirma DaMatta (1993, p. 60), em relação à música popular e outros fenômenos sociais: “veículo através do qual a sociedade se revela, deixando perceber como totalidade dinâmica, viva e concreta: como um universo eventualmente dotado de identidade”.

Desse modo, o Carnaval vai nos contar diversas histórias, de várias pessoas e de muitas formas diferentes. Existem, ainda, aquelas que se sentem melhor comemorando em família (ou nos bailes) e há aquelas que se identificam com o carnaval de rua. Já outras observam no Carnaval apenas uma oportunidade para obter ou complementar sua renda, com a venda de acessórios e demais apetrechos imprescindíveis à festa. Há ainda aquelas que não se sentem bem caindo na folia, mas amam ser telespectadoras daquele espetáculo anual e, ainda, existe a massa de pessoas que anseiam pela chegada dos festejos apenas para aproveitar os dias de descanso do feriado.

O fato de o Carnaval ser um rito sem dono e sem motivação específica (diferente das demais festas brasileiras que possuem sempre um desígnio) faz com que ele consiga agregar todos os tipos de reações e interações durante os dias de festa. Ademais, ele nos permite, como festa ritualística, popular e profana compreender sua própria ambivalência, pois, ora se apresenta como festejo descompromissado com o real, ora se mostra como um canal irreverente de crítica social, mas, sobretudo, política.

Portanto, a memória do Carnaval se mostra como um importante resgate de experiências que revelam regras e padrões sociais, mudanças e permanências, registros de uma época e a memória sentimental dos(as) seus(as) brincantes.

### **3 Escada, terra dos barões do açúcar**

Escada é um município do estado de Pernambuco, localizado no Brasil, situado na região da Mata Meridional, bastante conhecida por sua importância na economia açucareira do século XIX. Para Eisenberg (1977), Escada é um dos mais ricos municípios açucareiros. Registros indicam que em 1854 ele possuía 187 engenhos e segundo Lima (2007) detinha entre os anos de 1866 a 1880, o maior número de compradores de escravos da mata canavieira. O rótulo de “Terra dos Barões” decorre dos inúmeros títulos nobiliárquicos recebidos por senhores de engenho e presentes nas nomeações das ruas centrais da cidade.

Duas principais personalidades se destacaram em sua história. Cícero Dias (1907-2003), pintor, nascido no engenho Jundiá (Escada), ganhou reconhecimento internacional, viveu em Paris, e foi responsável por ilustrar a primeira edição do livro de Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*. Outro nome importante foi de Tobias Barreto, filósofo, jurista e poeta, nascido em Sergipe, mas que viveu no município no período de 1871-1881. Foi um dos grandes nomes da Escola de Recife, na Faculdade de Direito, tendo uma atuação e um posicionamento político contra as desigualdades e injustiças da época, sobretudo em relação à aristocracia canavieira.

Depois do apogeu promovido pela riqueza da exploração da monocultura da cana-de-açúcar, via trabalho escravo, a cidade vive um período de fechamento de usinas e engenhos, e apesar do surgimento de novas indústrias, ainda pode ser considerada uma cidade dormitório, porque boa parte da força de trabalho ainda precisa migrar para outras cidades com o objetivo de trabalhar.

### **4 O carnaval de Escada nos jornais do século XX**

Os jornais se mostraram uma importante fonte de dados para a pesquisa sobre o Carnaval de Escada, porque permitiram identificar agremiações carnavalescas, até então, pouco conhecidas na história contemporânea do município. Por outro lado, as informações coletadas forneceram elementos sobre o Carnaval como um fenômeno permanente e distribuído em várias localidades, sejam na própria sede do município, ou nas usinas existentes na época.

Os jornais do século XX nos mostram um Carnaval escadense amplamente variado, em que blocos, clubes e troças ganham maior destaque. Tais manifestações ocupam espaço nesses periódicos através das programações dos festejos, dos relatos da população e até mesmo dos elogios que a festa carnavalesca recebia.

Por outro lado, a análise dos jornais registra as críticas e o saudosismo de outras épocas. Um exemplo disso, são as publicações feitas pelo jornal “Diário de Pernambuco” nos anos de 1964 e 1969 em que se encontram relatos de Carnaval caracterizados pelo desânimo que a cidade viveu nestes anos. Ademais, a investigação conseguiu identificar o desaparecimento de blocos, como “Philomomos Escadenses”, “Pyrilampos”, “Pega Mosca” (A PROVÍNCIA, 1925 e 1929), entre outros, que eram noticiados em vários jornais.

Chama a atenção o quanto, em um dado momento, as notícias sobre o Carnaval de Escada deixam de aparecer nos jornais pesquisados, tornando-se cada vez mais escassas. A hipótese que defendemos a respeito deste fato estaria relacionada a um aspecto identificado em algumas matérias jornalísticas, e nas entrevistas realizadas: a falta de verba e apoio financeiro por parte do governo local. Essa suposição está associada ao dado de que muitos blocos e clubes findaram suas atividades pela falta de recursos.

Essa hipótese toma ainda mais forma e credibilidade ao considerarmos que quando se fala em fundação dos blocos, troças e clubes citados nestes jornais, sempre aparecem nomes de pessoas físicas e/ou grupos de responsáveis por suas fundações e nas pautas de administração dessas agremiações. Temos, por exemplo, o bloco “Elite Familiar”, citado em 1923 no jornal *A Província*, como um bloco recém-fundado por um grupo de rapazes e senhoras da cidade. Também podemos mencionar as troças “Não se encomode” e “Batutas de Veneza” citadas em 1937, no Diário da Manhã, como troças dirigidas por um folião chamado José Menezes. Isso nos faz entender que estes nomes (ou estes grupos), eram os grandes responsáveis por manter e realizar a saída dos blocos. Atualmente, pode-se dizer que a realidade ainda é a mesma. Pedro Jorge, um dos fundadores da Troça Carnavalesca Mista - A Buzina Da Aurora, relata que desde 2002, quando a troça foi fundada, ele e seus colaboradores são os responsáveis por manter essa agremiação e tornar possível sua saída às ruas anualmente.

Ainda no que se refere às dificuldades financeiras que assolam os blocos e troças atuais, a fundadora do bloco “Flor em Folia” também ressalta ser a principal

responsável pela apresentação do seu bloco, pois nunca recebera nenhum tipo de recurso ou benefício por parte da prefeitura do município.

Retornando aos jornais, outro aspecto que identificamos foi o desaparecimento repentino dos clubes. Em todas as matérias é possível verificar algum clube escadense sendo citado e podemos afirmar que essa manifestação carnavalesca foi, durante um bom tempo, a mais frequente do município. Atualmente, os carnavais em clubes se resumem ao baile municipal, realizado na quadra do SESI - Serviço Social da Indústria, geralmente organizado pelas primeiras damas do município, e ao realizado pela Academia Escadense de Letras, no Club Lions. Todavia, considerando a constância dos blocos nos relatos dos jornais, somos levados a fazer uma análise do conceito de clubes utilizados nos períodos investigados. Nas muitas citações dos jornais, há menções de “saídas dos clubs”, o que torna possível a associação desses clubes a agremiações, como os blocos, e não ao sentido de lugar. São exemplos: Club Carnavalesco Philocriticos Escadenses; Club da Canninha Verde (1900); Chiscadores (1900); Club Piratas (1901); Club Canna Verde (1901); Club Escadense Veado Corredor (1921); Club Pýrilampos (1923); Club Vencedores (1923); Club Ciganas Revoltosas (1923).

Apesar disso, também há destaque para os clubes onde se realizavam os bailes de Carnaval, como:

Clube Pirapama; Guarani; Clube da Fleischmann; Sesi; Clube intermunicipal; Lions Club; Alfredão; Clubes das usinas (Massaúassu - Serum e Barão de Suassuna); JOC - Juventude Operária Católica; Sesiano Clube da Escada; Atalaia.

**Figura 1** - Escudo do Clube Pirapama.



**Figura 2** - Escudo do Clube Sesiano (1950).



**Fonte:** Acervo Futebolístico de Pernambuco.

Há ainda um pequeno histórico de troças e maracatus que não constam como tradição no município, mas são mencionados nos jornais do século XX:

Troça Não se encomode (1937);

Troça Batutas de Veneza (1937);

Troça Urso em Folia (1953);

Troça Bacalhau na Vara (1953);

Clássico Maracatu (1901);

Maracatu Porto Rico (1901).

Quanto aos blocos, há uma grande lista dos cortejos que não aparecem mais nos jornais e desfiles atuais:

As Gostosinhas Assanhadas; As Maravilhas; As Virgens do Morro; Bacalhau Na Vara; Bloco Arrasta Povo; Bloco Arrasta Povo II; Bloco Cana Verde; Bloco da Lama; Bloco dos Estandartes; Bloco Frexofólio; Bloco Quase Que Não Sai; Bloco Só Chega Atrasado; Miss Gay; Morro de Fome, Mas Não Trabalho; O Cachorro Lambeu a Tua Cara; O Urso da Meia Noite; Vai de Bolo; Viva Zé Pereira; Cachorro Cansado; ESP – Jaguaribe; Gaviões do Morro; Bloco Axé; Estrela da Tarde – Pirapama F. Club; Bloco do Ferroviário Esporte Clube – Viradouro; Coqueiro em folia; Amansa corno; Burra namoradeira; Anjos rebeldes; Bloco Experiência de vida – 3ª idade; Cozinheiras pra frente; Borboleta Azul – Usina Barão; **Blocos de escolas** (Bloco da Escola Eraldo Campo, Bloco da Escola Agrícola – Somos da Roça, Bloco Maria Clara Em Folia, Bloco

Saber Em Folia, Bloco Escola Eraldo Gueiros); Bloco Educação em Folia (Secretaria de Educação); Bloco Vai que Tem-Saída; Bloquinho do Isca; **Blocos religiosos:** Bloco Reavivar a chama; Bloco o Galinheiro com Paredão; Bloco da Digital FM; Bloco do Hit; Bloco Saudade de Beбето; Bloco Cana no Bucho; Bloco da Juventude; Sou + você; Obama Fest; Bloco Arrepio; Bloco Só Vai quem Bebe; Bloco Cadetes do Samba; Bloco Elite Familiar; Bloco Philomomos Escadenses; Bloco Gente Nossa; Bloco Bola de Ouro; Bloco Príncipe da Lyra; Bloco Flor do Amor; Bloco Pega Mosca; Bloco Pýrilampos; Bloco das Rosas; Bloco dos Invasores.

Todavia, mesmo com a extinção de diversas agremiações, há ainda blocos e troças que animam o Carnaval da cidade, anualmente, e ganham destaque por manterem viva a tradição da festa no município:

Troça Carnavalesca Mista - A Buzina da Aurora; Bloco As Catraias da Vila Operária; Bloco Flor em Folia; Bloco Papalégua; Bloco Cana no Bucho; Bloco Amaro na Vara; Bloco Os Kalanguinhos; Bloco do LEO; Bloco Boi com sede bebe lama; Bloco Os Faixas; Bloco Os Cominninguen; Bloco Filhos do Catra; Bloco Murilo Adesivagem; Bloco Carço sem Freio; Troça Carnavalesca Assunção Parabrisa: O menino é bom!; Bloco Carroça Sem Freio; Bloco Boi de Touca; Bloco Mamãe Chegou. Parte destas agremiações podem ser divididas entre aquelas com e sem fins lucrativos.

Com o auxílio dessa listagem e dos registros dos carnavais atuais do município, é possível inferir que talvez o maior exemplar de bloco do século XX que tem resistido ao tempo e se adaptado ao século XXI, seja “As Catraias da Vila Operária”. Fundado em 1985, por Miguel José dos Santos, o bloco nasceu no período em que as informações sobre o Carnaval da cidade já eram reduzidas nos jornais, considerando que apenas um registro a respeito do Carnaval deste ano foi encontrado. O bloco que atualmente é um dos mais antigos e ainda desfila nas ruas, segue sendo um fenômeno no século XXI. Famosa por arrastar uma multidão de homens vestidos com trajes femininos, essa é uma das maiores agremiações da cidade, mantendo viva a tradição inicial e se consagrando como uma das mais famosas desta localidade. Em 2021, o bloco completou 36 anos e desde 2003, está sob a direção do filho do fundador, Valdir Cezar dos Santos.

## **5 Memórias do Carnaval escadense: o que se pode dizer?**

O Carnaval de Escada noticiado nos jornais corresponde à organização carnavalesca através de clubes, como: o Intermunicipal e o Sesiano, que normalmente passavam por pequenos problemas financeiros para realizar esse evento. Na organização desses carnavais divulgados nos jornais, se repetem alguns sobrenomes de famílias que, na época, faziam parte da elite escadense e financiavam as festas, por exemplo, a família Wanderley. Nestes clubes havia prévias, os blocos tinham duração de três dias e, no domingo, ocorria a matinê, dedicada às crianças.

O período de 1960-1969 foi o que mais ocorreu registro nos jornais sobre os carnavais de Escada, talvez por ser uma época que houve maior organização financeira dos clubes. Não há registro sobre o Carnaval de rua e de blocos feitos pela população.

Nos anos de 1980, o Clube intermunicipal da Escada foi responsável pelos concorridos desfiles de Carnaval com crianças, de classes mais abastadas e fantasiadas, e pela realização de matinês. Essas matinês também eram promovidas pelo SESI de Escada, pelo Clube Pirapama e pelo Clube da Fleischmann Royal. Um dos fatos marcantes do Carnaval de clube se deu na churrascaria “O Alfredão” nos idos dos anos de 1990, o local que se tornou o ponto de festejos noturnos, de muitas famílias, testemunhou um tiroteio com muitos feridos, ocasionando o fechamento posterior do estabelecimento.

O encerramento das atividades realizadas pelos clubes está relacionado ao próprio fechamento, de parte, destes estabelecimentos, e das mudanças que ocorrem no Carnaval do município com o maior protagonismo dos blocos e troças carnavalescas.

No entanto, o Carnaval de rua também registrara fatos de violência, desta vez associados ao bloco Cana Verde, que tinha como fundadora “Maria do Caranguejo” (Maria das Dores da Conceição). Em um dos seus desfiles, o marido da fundadora foi assassinado (1984). O bloco passou 2 anos sem realizar o desfile, retomando em 1987 e seguindo até 2000. Todavia, após a conversão da fundadora a uma igreja evangélica e com sua morte, parte da história do bloco (fotos, estandartes etc.) foi queimada pelos familiares.

Na história do Carnaval escadense, outro bloco se destacou: “Morro de Fome, mas não Trabalho”. Tendo como fundador o senhor Djací da Costa Rocha, a



agremiação desfilou de 1977 a 2003 (26 anos), quando foi proibida de sair às ruas devido a uma das características do bloco: o mela-mela. Em algumas de suas manifestações foi possível reunir mais de 10 mil foliões e o fato de ser registrado por uma rede de televisão deu visibilidade à agremiação. Todavia, o caráter bastante popular do bloco regrado não por bisnagas e limas-de-cheiro, mas por substâncias recolhidas, gratuitamente, em vasilhames, nas sarjetas e nos esgotos das ruas tornou-se algo proibitivo no município, levando a uma ação judicial que proibiu a saída deste bloco. Uma de nossas entrevistadas lembra: “usava era muita graxa, meu Deus! [Risos]. Saía todo mundo sujo!” (Entrevistada I). Ela segue dizendo: “Tudo! As paredes, o que você imaginar! Não tinha respeito mesmo não, era melando quem *tivesse* na frente!”

Ao que parece, o resgate de certas manifestações de um tipo específico de entrudo, conforme já discorreremos aqui, começou a não ter espaço nas ruas da cidade em idos dos anos 2000.

Outra mudança perceptível ocorreu com as velhas orquestras que comandavam a alegria dos foliões, sendo elas, gradativamente, substituídas por carros de som e, estes, por trios elétricos. De um lado havia a dificuldade de reunir um conjunto de músicos para uma demanda crescente de público e, de outro, as inovações musicais e rítmicas que foram se popularizando, sobretudo, com a chegada do *Axé Music*.

Reunidos em torno de certo saudosismo, a troça mista “Buzina da Aurora”, alguns desfiles do bloco da Terceira Idade e da Academia Escadense de Letras procuraram resgatar essas orquestras, que reuniam um público de pessoas mais idosas, nos dois últimos casos, e um público mais misto no primeiro. Para um dos fundadores, a ideia do bloco “Buzina da Aurora” surgiu, pois:

Na época, em 2000 e... em 2000 *pra cá*, a gente percebeu que os blocos em Escada eram todos feitos com carro de som e com trio elétrico. E naquele tempo não existia bloco com orquestra, e como a gente se reunia *pra* fazer farra, *pra* brincar, sempre escutando frevo, a gente teve uma ideia de fazer um bloco com orquestra de frevo, em 2002 (ENTREVISTADO II).

O fato, porém é que, nestes casos, a utilização de orquestras para animação da festa tende a ser mais oneroso para os organizadores, pela necessidade de se ter um número grande de componentes. Isto, por sua vez, implica cada vez mais em apoio financeiro do poder público e da auto-organização dos blocos, o que foi sempre o

grande gargalo para quem deseja participar da folia de Momo, sobretudo aquelas agremiações sem fins lucrativos. Essa distinção entre blocos comerciais e não comerciais pode ser explicitada pelo entrevistado ao dizer: “A gente não tem fim lucrativo, a gente quer que vá o cara que gosta de frevo, ele leva a esposa dele, os meninos, que ele possa ajudar levando uma comida, leva uma bebida, e que curta com a gente o frevo” (Entrevistado I).

## **Considerações finais**

Em muitos municípios brasileiros, o descaso pela memória coletiva está evidenciado na ausência de políticas públicas que estimulem a preservação de acervos capazes de informar e manter vivas determinadas expressões da cultura popular. Apesar de muitas manifestações culturais permanecerem vivas e seguindo um fluxo próprio, estimulado por calendário anual de festejos, mudanças provocadas pelas dinâmicas econômicas e políticas dos contextos em que se encontram inseridas impactam sobre as possibilidades de manutenção dessas manifestações, principalmente, quando elas crescem em popularidade ou quantidade de brincantes.

A pandemia do Covid-19 inviabilizou o Carnaval brasileiro, atingindo umas das expressões mais vivas de nossa cultura. As iniciativas de lives e vídeos procuraram minimizar a frustração dos foliões, mas também trouxeram à tona a necessidade de manutenção da memória coletiva quando lembranças do Carnaval anterior eram peças principais a inspirar a ação dos brincantes.

Entre clubes do passado e do presente, do município de Escada (PE) foi possível identificar 13 espaços onde os bailes/festas aconteciam, apesar de que, hoje, apenas dois locais concentram as atividades (Clube do Sesi e Club do Lions), revelando uma mudança no ritmo daquilo que Gilberto Freyre (1961) identificou em Pernambuco no início do século XIX, ao fazer referência às festas realizadas em clubes.

No conjunto dos blocos estudados, observamos a diferença entre os que possuem fins lucrativos e os sem fins lucrativos. Os primeiros são organizados entorno de expectativas de investimento e lucro, enquanto os demais revelam aspectos voltados à dimensão mais lúdica da festa, associados ao esforço e ao desejo de simplesmente brincar o Carnaval. Pensando outras classificações, o município

possui um bloco religioso (organizado pela Renovação Carismática Católica) e que se apresenta nos dias anteriores ao Carnaval. Blocos de escolas, que se caracterizam por uma ação pedagógica de vivência da cultura, embora o bloco da Escola Maria Clara tivesse fins também lucrativos.

O movimento de transformação que o Carnaval de Escada sofreu deve ser analisado por um processo mais amplo de mudanças vividas no conjunto da cultura, como a substituição das orquestras pelos carros de som e, destes, pelos trios elétricos. Além, é claro, pela dinâmica de acesso à capital do estado pela população. Esta última teria grande repercussão sobre o Carnaval da cidade, uma vez que muitas pessoas não conseguiam experimentar outros carnavais pelas dificuldades de locomoção expressa.

## **Bibliografia**

A PROVÍNCIA. Edição 015. *Notícia de toda parte*. Carnaval do interior. 19 de janeiro de 1923. Disponível em: <https://url.gratis/7PkzoK>. Acesso em: 19 jan. 2021.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Os festejos de entrudo no século XIX*. Textos escolhidos de cultura e arte populares. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 41-55, nov. 2011.  
BORBA, Francisco S. (org.) *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo, Editora UNIFESP, 2004.

COSTA, Maria das Graças Vanderlei da. *Lugares, tradições e rostos: máscaras no carnaval de Pernambuco, objetos que falam sem calar sujeitos*. Recife: Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia, 2013.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* / Roberto DaMatta - 6ª ed. Rio de Janeiro Rocco, 1997.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. *Polícia proíbe tanga e biquíni no carnaval.*, Caderno 1, p. 12. Recife, 4 de fev. de 1975.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Carnaval em Escada*. 03 de fevereiro de 1937. Disponível em: <https://cutt.ly/mOusmZ7>. Acesso em: 10 jan. 2021.

GASTALDO, Édison. O fato social total brasileiro: uma perspectiva etnográfica sobre a recepção pública da Copa do Mundo no Brasil. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 185-200, Dec. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3cJ6ChS>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. I tomo. 3a. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1961.

FREYRE, Gilberto. *Antecipações*. Org. e prefácio de Edson Nery da Fonseca. Recife: EDUPE, 2001.

EISENBERG, Peter. *Modernização sem mudanças*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

JEDLOWSKI, P. Memórias: temas e problemas da sociologia da memória no século XX. **Rev. Proposições**, Unicamp – Faculdade de Educação, v. 14, p. 217-236, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3nEkOzc>. Acesso em: 17 fev. 2021.

LEÃO, Andre Luiz Maranhão de Souza; FRANCO, Suélen Matozo; SILVA, Carlos Eduardo da. Carnaval de Pernambuco: é só chegar? o "nativo" e o "de fora" no discurso publicitário do governo do estado. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*. v. 1. n. 2, p. 231-259, dez. 2014.

LIMA, Glauber Guedes F de. *As elites açucareiras em Pernambuco: Um estudo sobre a heterogeneidade da açucaroocracia pernambucana nas últimas décadas do Império*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1990.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. A ordem carnavalesca. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 6(1-2): 27-45, 1994 (editado em jun. 1995).

**Recebido em:** 6 de setembro de 2022.

**Aceito em:** 10 de fevereiro de 2023

#### COMO REFERENCIAR

SILVA, Tarcísio Alves da Silva; da SILVA, Maria Kaline; CONSERVA, Rayanne Carolyne Lima. Carnaval de Escada, Pernambuco, Brasil: entre memórias e brincantes. *Latitude*, Maceió, v. 17, n. 1, p. 186-205, 2023.